

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
BACHARELADO EM ARTES E DESIGN

**PARA RELEMBRAR E RESSIGNIFICAR MEMÓRIAS
DOLOROSAS**

Lara da Luz Nascimento

Juiz de Fora
julho/2026

Lara da Luz Nascimento

PARA RELEMBRAR E RESSIGNIFICAR MEMÓRIAS DOLOROSAS

Monografia apresentada ao Instituto de Artes e Design, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Prof. Dra. Carolina Cerqueira Corrêa.

Coorientador: Prof. Me. Malandro Vermelho.

Juiz de Fora
julho/2026

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha mãe por ter me oferecido todo o suporte necessário para produzir esse trabalho, sem o seu apoio emocional e financeiro não teria sido possível chegar tão longe.

A minhas irmãs e pai por terem acompanhado minha trajetória acadêmica e terem me amparado nos momentos mais difíceis. A professora Carolina Cerqueira e o co-orientador Malandro Vermelho pela excelente orientação, como também aos demais colegas do coletivo *Laroyê!* pelos comentários e conselhos. Aos meus amigos por ouvirem meus desabafos e me felicitarem pelas conquistas que tive ao longo do percurso.

A minha psicóloga por ter me ajudado a enfrentar minhas inseguranças, tristezas e ansiedades, me mostrando o melhor caminho para superá-las e me tornar uma pessoa mais saudável e viva.

Meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Tô relendo minha lida, minha alma, meus amores
Tô revendo minha vida, minha luta, meus valores
Refazendo minhas forças, minhas fontes, meus favores
Tô regando minhas folhas, minhas faces, minhas flores

Tô limpando minha casa, minha cama, meu quartinho
Tô soprando minha brasa, minha brisa, meu anjinho
Tô bebendo minhas culpas, meu veneno, meu vinho
Escrevendo minhas cartas, meu começo, meu caminho

Estou podando meu jardim
Estou cuidando bem de mim
Estou podando meu jardim
Estou cuidando bem de mim

(Trecho da música “Meu jardim” - 2005, Vander Lee)

RESUMO

Este projeto tem como objetivo produzir poéticas de traumas raciais na arte e na escrita com o propósito de contribuir para a minha jornada pessoal de cura e para os debates sobre o tema. Para isso, foram utilizados como base teórica os seguintes livros: *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* da escritora e artista Grada Kilomba; *Pele negra, máscaras brancas* do filósofo Frantz Fanon; *Escrivivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* que foi organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nune; e os ensaios: *Em estado bruto e 1 (vida) ÷ 0 (negritude) = ∞ - ∞ ou ∞ / ∞: sobre a matéria além da equação de valor* da filósofa Denise Ferreira da Silva. O estudo foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas e por meio de experimentações técnicas com os materiais selecionados para fazer os desenhos que compõem a parte prática do projeto. Os resultados mostram que a partir de produções visuais foi possível ressignificar os traumas gerados pelo racismo e colaborar para o debate acerca da saúde mental da população negra no Brasil.

Palavras-chave: trauma racial, poéticas, racismo, estéticas contra-hegemônicas.

ABSTRACT

This project aims to produce poetics of racial trauma in art and writing, with the goal of contributing to my personal healing journey and to debates on the subject. To this end, the following works served as a theoretical foundation: *Plantation Memories* by writer and artist Grada Kilomba; *Peau noire, masques blancs* by philosopher Frantz Fanon; *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* edited by Constância Lima Duarte and Isabella Rosado Nunes; and the essays *Em estado bruto* and *I (vida) ÷ 0 (negritude) = ∞ – ∞ ou ∞ / ∞: sobre a matéria além da equação de valor* by philosopher Denise Ferreira da Silva. The study was conducted through bibliographic research and technical experimentation with the materials selected to create the drawings that comprise the project's practical component. The results demonstrate that visual production made it possible to reframe the traumas caused by racism and to contribute to the discourse regarding the mental health of the Black population in Brazil.

Keywords: racial trauma, poetics, racism, counter-hegemonic aesthetics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
RELEMBRAR E RESSIGNIFICAR MEMÓRIAS DOLOROSAS	11
DE ALGUM LUGAR, 14 DE ABRIL DE 2004	17
CARTA PARA TODAS AS PESSOAS QUE ME CONFUNDEM COM A FULANA ...	23
A URGÊNCIA DE SER EU MESMA E NÃO UM MONTE DE ET CETERAS.....	24
A CANETA QUE ME TRANSPORTOU PARA UM BELO JARDIM	26
ALICIA QUE CONHECI ATRAVÉS DE GRADA	35
O ANTILHANO QUE VOLTOU À SUA CIDADE NATAL	43
MEU CORPO	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS: DALVA	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

Originado pela escritora Conceição Evaristo, a Escrivivência é um conceito que permite que grupos marginalizados, especialmente a população negra, tenham espaço para desvelar histórias e vivências pessoais que foram silenciadas e apagadas no cenário nacional¹. Nesse sentido, ao unir as palavras (Ancestralidades [s.d.]) “escrever, viver e ver”², o conceito criado por Evaristo possibilita que experiências reais e fabulações recreativas acerca da vivência negra no Brasil tornem-se uma forma de conhecimento e ganhem voz, não só no universo literário, mas também no ambiente acadêmico, desse modo, indo contra ao modelo epistemológico vigente e preservando a memória e a oralidade de minorias sociais. Posto isto, utilizo a Escrivivência como um recurso valioso para relatar experiências íntimas de discriminação racial e para ressignificar traumas que decorreram desses eventos. Para criar a escrita acesso memórias dolorosas e agrídoces, empregando a ficção e uma narração baseada no modelo de carta enquanto estabeleço relações poéticas com a parte prática do projeto, na qual produzi desenhos a partir de uma caneta teletransportadora e fios de cabelo sinuosos e construtores de jardins. O presente trabalho também estabelece conexões teóricas e pessoais com pesquisadores e escritores que abordam temáticas raciais e contra hegemônicas em suas obras, como, por exemplo, Frantz Fanon, Grada Kilomba, Audre Lorde, Conceição Evaristo, Denise Ferreira da Silva e Dalva França de Assis.

Em *Pele negra, máscaras brancas* de 1952, Frantz Fanon perscruta as questões de identidade influenciadas pelo colonialismo e racismo, buscando compreender como a cultura colonial impacta a psique dos indivíduos, principalmente, a dos negros. Ao longo do livro, o autor sugere a desconstrução de uma identidade baseada na cultura dominante para haver uma existência negra autêntica. Partindo de alguns apontamentos realizados por Fanon, Grada Kilomba, na obra *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* publicado em 2019, investiga a construção do racismo no Ocidente, revelando as extensões das discriminações raciais cotidianas e como elas afetam a população negra, sobretudo a feminina, bem como aborda o trauma racial, elemento central do presente projeto. Discutindo sobre raça e feminismo em suas produções poéticas e teóricas, assim como Kilomba, Audre Lorde expõe o racismo e o extermínio de corpos negros na sociedade estudunidense, apresentando também conceitos filosóficos e políticos como o *Erótico*, conceito este que

¹ EVARISTO, Conceição. *Escrivivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 2020, p.31.

² Ancestralidades. *Escrivivência*, [s.d.].

incentiva a liberdade política e criativa das mulheres e é aplicado em um sentido mais amplo do que o desejo sexual ou o teor pornográfico comumente associados a palavra.³ Em vista disso, o conceito representa uma forma de resistência ao controle patriarcal sobre os corpos marginalizados e, especialmente, nas produções intelectuais e artísticas das mulheres.

No ensaio *Em estado bruto* publicado em 2018 na revista *e-flux*, Denise Ferreira da Silva baseia-se na filosofia tradicional para produzir uma teoria que rejeita o mundo moderno, propondo, dessa forma, uma nova epistemologia e realidade que sejam vistas a partir da luz negra ou ultravioleta, a qual seria capaz de dissolver (Silva, 2018, p.47) “as formas abstratas do entendimento” da epistemologia ocidental⁴. Em *1 (vida) ÷ 0 (negritude) = ∞ – ∞ ou ∞ / ∞: sobre a matéria além da equação de valor* lançado em 2017, também na revista *e-flux*, a filósofa discorre sobre a negatividade, no sentido de exclusão, da existência negra no mundo moderno, mostrando que a construção do saber ocidental promove a desvalorização total e a negação da vida negra⁵. Diante disso, conforme a autora, a filosofia tradicional implementou, intrinsecamente, a negação do corpo negro e a supervalorização do corpo branco, sobretudo do homem branco, na construção do mundo moderno e na epistemologia dominante⁶. Dessa maneira, os dois textos da autora propõem o abandono deste mundo, visto que a modernidade não abarca a vida negra e a submete a inúmeras violências, como também determina a sua não existência⁷.

Por fim, sendo uma figura que me impulsionou a elaborar a parte escrita do trabalho, Dalva França de Assis é uma artista visual e pesquisadora que explora temas decoloniais e a resistência política em suas obras, denunciando o genocídio da população negra no Brasil, sobretudo o morticínio de jovens negros. A artista ministrou uma palestra na disciplina de Tópicos em Artes II em 2025, que foi lecionada pela professora Carolina Cerqueira. Durante a palestra foram apresentados os projetos de Assis, como também houveram diálogos sobre a vivência da artista enquanto uma mulher negra e acadêmica no Brasil. Nesse sentido, por meio de uma identificação com a trajetória da artista e seguindo a proposta da disciplina, fiz

³ ALVES, Gabriela Santos; BASTOS, Raabe Cesar Moreira; SAMPAIO, Jéssica Elaine Moreira. O erótico na literatura dissidente de Audre Lorde: o conceito como ação nos poemas de *Entre nós mesmas*. Em Tese, 2024, p. 41-42.

⁴ DA SILVA, Denise Ferreira. *Em estado bruto*. OTOCH, Janaína Nagata, 2019, p. 47.

⁵ DA SILVA, Denise Ferreira. *1 (vida) ÷ 0 (negritude) = ∞ – ∞ ou ∞ / ∞: sobre a matéria além da equação de valor*. 2019, p. 21-22.

⁶ DA SILVA, Denise Ferreira. *1 (vida) ÷ 0 (negritude) = ∞ – ∞ ou ∞ / ∞: sobre a matéria além da equação de valor*. 2019, p. 17-18.

⁷ BORGES, Rosane. Master Class GRATUITA | Curso: A dívida impagável, de Denise Ferreira da Silva. YouTube, 25 de set. de 2024.

uma carta para Assis usando o conceito da escritora Conceição Evaristo, o que desencadeou o processo e modelo de escrita do atual projeto.

Portanto, o trabalho tem como objetivo criar poéticas de traumas raciais em desenho e Escrivivência com a finalidade de contribuir para a minha jornada pessoal de cura e para os debates sobre a discriminação racial no Brasil, assim, ajudando a difundir os benefícios que a arte e a escrita podem ter para a ressignificação de traumas. Ademais, a pesquisa colabora para que haja mais políticas afirmativas no espaço acadêmico, assim como incentiva o protagonismo de pessoas negras nas produções intelectuais e artísticas. Sob esse viés, o projeto mostra que explorar os traumas raciais na arte é fundamental para a melhoria da qualidade de vida da população negra do país e evidencia os danos psicológicos causados pelo racismo.

De: Lara

Para:⁸ Relembrar e ressignificar memórias dolorosas

Quando eu estava no ensino médio e estudava em uma escola particular, sofri uma transformação desagradável horas depois de chegar em casa. Momentos antes da transformação e como de costume, fiz o trajeto de volta para casa ao lado da minha irmã gêmea. Nós duas caminhamos sob o sol escaldante durante quinze minutos já que, na época, morávamos na região central da cidade e o uso do transporte público era opcional. Durante a caminhada, era comum sentir olhares nos acompanhando. Algumas pessoas demonstravam curiosidade no decorrer do trajeto, perguntando “*São gêmeas?!*”, e outras nos analisavam com certo desdém, visto que éramos duas adolescentes negras vestindo o uniforme de uma escola particular e transitando pelo bairro como se pertencêssemos ao local. Outro acontecimento rotineiro era evitar andar na mesma calçada de outra escola particular, essa instituição era mais cara e tinha mais prestígio do que o colégio em que eu estudava. Nas raras vezes em que eu e minha irmã passamos por aquela calçada no horário de saída, percebemos olhares estranhos vindo dos adultos, das crianças e dos pré-adolescentes. Eu me sentia intimidada pelas blusas brancas, cabelos castanhos claros e olhos verde-azuis. Às vezes eu encontrava uma pele escura no meio de tanto branco, mas raramente recebia a atenção das moças, já que elas estavam mais preocupadas em buscar os filhos de terceiros e terminar suas tarefas do que observar duas meninas parecidas.

Às vezes eu encontrava uma pele escura no meio de tanto branco, mas raramente recebia um sorriso ou um olhar amistoso das moças, que pareciam não aprovar o meu uniforme e muito menos o fato de termos o mesmo tom de pele. Me lembro de beliscar a coxa enquanto andava, me punindo como se a constante rejeição que sofria fosse minha culpa.

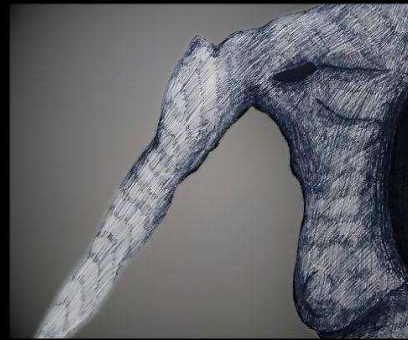
Durante esses episódios, meu comportamento padrão era abaixar a cabeça e olhar as pedras pequenas e quadradas que compunham a calçada, desejando ser engolida por um buraco escuro. Depois de atravessarmos a rua para evitar a instituição prestigiada, mantivemos o passo cansado, porém obstinado, visto que queríamos sentir a proteção e o conforto que só encontrávamos em casa. Nós tínhamos muita atenção ao atravessar a rua, um cuidado adquirido por conta dos ensinamentos dos nossos pais e porque não sabíamos se iríamos receber ajuda caso uma moto ou um carro decidisse avançar o sinal. Nunca soube concluir se o nosso sofrimento seria levado a sério caso alguma coisa grave acontecesse. Sempre tive medo de desaparecer ou perder alguém por conta de negligência. Naquela época, mesmo que eu já tivesse deixado os olhares curiosos e desdenhosos para trás, ainda os sentia me seguindo. Eles geravam uma queimação na pele mais forte do que o sol escaldante. Essa sensação só desaparecia quando eu entrava no apartamento. Normalmente, antes de entrar em casa e encontrar uma paz artificial, era necessário dizer para desconhecidos que eu morava no local e não estava ali a serviço ou para encontrar um parente que trabalhava no condomínio. Nota-se que às vezes o uniforme escolar não servia para nada. Soava mais convincente eu

⁸ O segundo “para” assume o papel de indicar o destinatário da carta, já o primeiro, que inicia o título da monografia, possui um sentido de finalidade e indica o modelo de escrita escolhido para o trabalho, que, a partir dessa palavra, se torna uma grande carta.

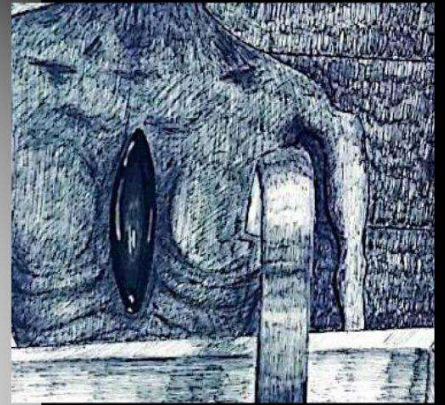
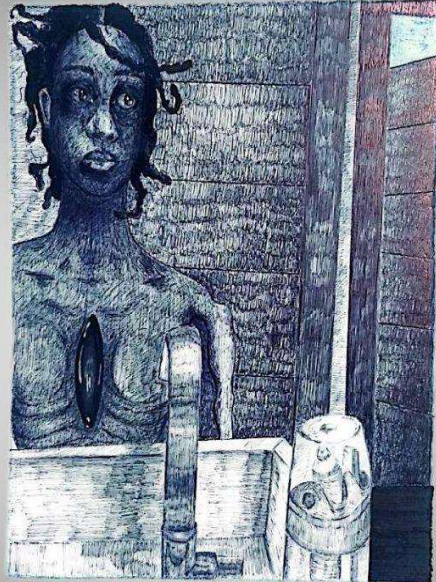
estar perseguindo um colega de turma que morava no condomínio ao lado do meu, apesar da minha família ter se estabelecido naquele bairro a quase uma década e ele ser um morador recente, ou estar tentando invadir o prédio para roubar os moradores. Ter as chaves para entrar na mão, aparentar estar cansada após cinco horas de aula e carregar uma mochila cheia de apostilas nas costas encurvadas não servia para nada. Quando eu entrava no apartamento e sentia o cheiro de comida ficava aliviada. Meus ombros ficaram mais relaxados, minha cabeça ficou mais leve e o estômago roncou. A queimação na pele também diminuiu, restando apenas cócegas incômodas. Eu estava em casa, pouco sã e fisicamente salva.

Horas depois, quando a noite chegou e a escuridão tomou conta do prédio, me remexi no beliche de madeira. Todos dormiam, menos eu. Apesar de estar deitada em um colchão macio e protegida por cobertas felpudas, o peso nos meus ombros retornou, minha cabeça pesou graças aos pensamentos ruins e o meu estômago ficou embrulhado por conta da angústia. Me lembro vividamente da sensação, era como se eu estivesse sendo torcida como um pano molhado, tudo o que era bom em mim estava escorrendo para fora. Reparei que minha pele estava ficando mais fina a cada minuto que passava e os ossos se tornaram salientes sob a derme. As bochechas ficaram encovadas e o brilho saudável dos meus olhos sumiram. Foi doloroso quando algumas unhas caíram e um corte vertical se formou no centro do meu peito. Não havia sangue ao redor da ferida, mas à medida que o tempo corria ela se abria e doía mais.

E assim eu havia me transformado.



Após sofrer a mudança em silêncio, me sentei na cama e dedilhei a área recém aberta, analisando a espessura do corte. A dor diminuiu gradualmente, restando somente uma ardência. Com os dedos finos, tracei a borda e fiz menção de mergulhá-los na abertura, esperando encontrar órgãos e sangue. Contudo, assim que as pontas dos dedos entraram, mergulharam apenas na escuridão. Considerei o instante estranho, uma vez que o ato não causou dor, a única coisa que senti ao bisbilhotar a ferida foi medo. Desesperada, mas ainda preocupada em fazer barulho, desci a escada do beliche e caminhei apressadamente pelo corredor escuro nas pontas dos pés esqueléticos. A ausência de luz agravou o meu pânico. Tenho medo do escuro desde criança. Por um breve momento não consegui visualizar a silhueta da estante de livros que ficava no canto da passagem, nem mesmo as paredes brancas e o piso de sinteco. Eu achei que estava flutuando na escuridão completa e que a única coisa que me mantinha viva era o medo. O pavor de desaparecer foi capaz de fazer meus pés descalços se moverem mais rapidamente pelo chão frio, me impulsionando a terminar o trajeto e ir até o outro cômodo. Ofegante, tateei a parede em busca do interruptor e acendi a luz do banheiro. A lâmpada piscou antes de funcionar corretamente e assim que me vi no espelho, conheci minha nova forma.



No reflexo, conheci as alterações geradas pela Dor. No início, fiquei enojada com a aparência doente que estava espelhada. Eu estava parecendo mais morta do que viva. Uma segunda onda de pânico arrepiou meus braços magros quando me perguntei se permaneceria naquela forma para sempre. À medida que o tempo transcorreu silenciosamente, o meu olhar se tornou vazio, os ombros ficaram caídos e eu os dentes rangeram, reproduzindo um hábito inconsciente e punitivo. Eu deveria me perguntar sobre o que me levou àquele estado, deveria focar na dor que retornava aos poucos, mas meus pensamentos estavam voltados para o julgamento alheio. As crianças e os adolescentes com uniformes brancos apontariam o dedo para mim? Ririam do meu corpo, além de já rirem da minha pele? Eu não estava fazendo as perguntas certas, logo a dor no corpo aumentou e o buraco no peito começou a latejar. Em sequência, agravei o aperto na mandíbula e com isso um dente fugiu da raiz, inundando o meu paladar com o gosto de ferro. Apesar do inconveniente, não tive energia para cuspir a perda na pia, deixei o dente armazenado na boca para me dar uma lição.

Eu merecia estar assim, era minha culpa. Quanto mais esse pensamento se repetia, mais dentes caíam. Quando as bochechas ficaram cheias, vomitei tudo na pia enquanto o corpo praguejava de dor e cansaço.

Não sei quando aconteceu, mas acho que desmaiei porque tudo ficou escuro.

Ao mesmo tempo que era assustador, havia uma calma na escuridão...

Também não me recordo de sentir dor depois de perder a consciência.

No outro dia, acordei na minha cama e sob as cobertas felpudas com cheiro de amaciante.

Minhas irmãs não estavam no quarto, mas eu as ouvia conversando na cozinha, provavelmente tomando café da manhã com os meus pais.

Instintivamente, toquei e olhei meu corpo em busca de distorções, querendo descobrir se a noite anterior havia sido apenas um sonho.

Meu corpo parecia estar normal até o momento em que levei uma das mãos para debaixo da blusa do pijama rosa e encontrei no meu peito o mesmo corte da noite passada.

A abertura era menor, somente um rasgo, mas ainda estava lá.

De algum lugar, 14 de abril de 2004⁹



⁹ Nasci no dia quatorze de abril no ano de dois mil e quatro. Quando insiro essa data, busco mostrar como eu e a Dor somos íntimas e nos conhecemos há muito tempo. Também tenho a intenção de dizer que essa dor precede a minha existência, visto que, antes do meu nascimento, meus pais e avós sentiram a Dor toda vez que foram discriminados e inferiorizados por conta da cor da pele.

Eu endereço esta carta à Dor.

À coisa que me submete ao medo paralisante, à paranoia constante e ao desejo de desaparecer.

No exato instante em que escrevo essas palavras, choro, tanto pela resistência em me expor, quanto pela sua presença.

Nós temos uma longa história, não é mesmo?

A pulsação acelerada, a ansiedade que torce o meu estômago, a ardência nos olhos e a angústia que rasga figurativamente o meu coração... É você que as causa, certo?

Eu te temo.

Você me faz frágil, faz com que eu me sinta insegura em falar sobre você. Meus dedos tremem agora. Por que é tão difícil lidar com a sua existência?

Sentir você é natural, a minha psicóloga me disse isso inúmeras vezes... Assim como sentir a ansiedade. Você e a ansiedade são sentimentos normais e que, nós, humanos, sentimos e iremos sentir em várias fases da vida. Contudo, mesmo sabendo que é algo natural, sinto a necessidade de me esquivar sempre que você é mencionada ou desencadeada.

Sentir você é tão contraditório.

Você pode se manifestar de diversas formas, seja por meio de uma ferida física (um rasgo na pele marrom que jorra sangue), seja através de um hematoma invisível que pinta a alma de vermelho, roxo e azul com gradações pretas.

Para mim, a sua forma mais incômoda é a que não é palpável.

A sua variante mais difícil de erradicar, a Dor emocional.

Na verdade, após uma breve pesquisa descobri que a sua variante consegue se manifestar de maneira física: você é registrada pelo cérebro de maneira similar à dor física, você não é somente uma metáfora, uma vez que é somatizada e tem a capacidade de promover dores crônicas, como aperto no peito e tensão constante.¹⁰

Isso é um pouco óbvio, peço desculpas por subestimá-la.

Brincadeiras e comentários desnecessários à parte, gostaria de dizer que te odeio.

Odeio que você me faça sofrer, mas também descobri que uma parte minha te venera.

¹⁰ NEVES, Úrsula. Somatização: o que é o conjunto de sintomas físicos agravado pelas emoções. CNN Brasil, 28 de abril de 2024.

Eu te afasto, mas ao mesmo tempo copulo com você para gerar arte.

Sem você, a caneta contra o papel (e as figuras que nascem a partir dessa colisão) não teriam o mesmo impacto visual.

As nossas criações não seriam tão cruas e verdadeiras.

Eu sou você e você sou eu?

Não tenho uma resposta para essa pergunta, mas ela paira sobre nós, já que você me acompanha há anos. Estamos tão acostumadas uma com a outra que não sabemos quando você começa e onde eu termino. Somos um nó feito de carne dilacerada e sangue (?).

E eu te odeio.

E preciso de você para gestar nossas produções visuais.

Porém, eu não deixo de fabular sobre como a minha vida seria sem a sua existência e sem as causas que fazem de você uma pedra no meu sapato.

Dor, você deve estar se perguntando por que estou escrevendo essa carta para você.

Escrevo para você, desenho a partir de você (sobre e com você) para sobreviver.

Para resignificar e me entender.

Você não é a culpada pelo caos que me habita, você é o sintoma.

A causa é muito maior do que você. Ela se estende para muito além do meu quarto e das minhas questões pessoais não resolvidas.

No momento em que sou colocada como o outro¹¹, algo dentro de mim se torce dolorosamente e sangra, e então, você surge.

Sintoma, não causa.

¹¹ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação -Episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 37.

Decidi usar a palavra “outro” para escancarar a violência que me atravessa quando sou vista como exótica e inferior. Em seu livro, Kilomba (2019, p. 30) declara que ser colocado como *outro* é ser inserido em uma cena colonial e submetido a uma experiência agonizante.

Após a Causa me desmembrar, você aparece, causando um segundo estrago avassalador. Quando o sangue pára de escorrer e os hematomas nascem como cicatrizes, azuladas e pretas, meu cérebro registra o ocorrido e o arquiva como trauma.

E depois de uma longa jornada para me recuperar e entender que a culpa não é minha, o que me resta é te sentir. Debaixo da minha pele, criando uma névoa pessimista e promovendo agulhadas excruciantes.

Ai, isso dói! Óbvio, porque é você. É você, de novo.

Tentar te entender é desconcertante, por isso tenho a tendência de fugir... E depois voltar, porque você me fascina e me faz fazer coisas bonitas.

Quantas vezes você esteve presente enquanto eu rabiscava aquelas folhas em branco? Quando eu concebia traços que nem eu mesma sabia que era capaz de dar vida. Quantas vezes você me fez engolir em seco, desviar o olhar e me encolher?

Os corpos distorcidos e angustiados que desenho são para você. São sobre você...

As ações: engolir em seco, desviar o olhar e encolher são habituais quando a Causa me pega de surpresa. Por isso, não se sinta especial.

A Causa pode aparecer quando eu estou em uma loja de roupas, na faculdade, a caminho do estágio ou da terapia, no portão de casa.

Ou eu posso ser a Causa, porque eu a reproduzo inconscientemente... O que significa que eu não estou a salvo nem mesmo no meu íntimo.

Eu posso ser quem mutila e agride.

Uma vez eu pensei: eu não tenho controle, eu não posso controlar ou destruir a Causa.

Ela é mais forte do que eu. Eu vou desistir. Acho que não aguento mais.

Essas coisas que pensei, era você (Dor) falando por mim. Se expressando.

Eu não posso desaparecer ainda, então se controle, está bem?

Seja gentil comigo.

Dor, como eu havia comentado anteriormente, houve um dia em que descobri que não poderia mudar o mundo.

Quando esse fato foi finalmente assimilado, você me atingiu com força total.

O primeiro pensamento que tive foi “Então não tem escapatória, eu não posso fugir disso, não posso fugir da Causa”. Me lembro que você me abraçou com tanta força que o ar sumiu dos meus pulmões e o meu corpo ficou dormente. Eu quis vomitar enquanto você me mordia, arrancando pedaços e fazendo a minha visão ficar embaçada. Ser dilacerada por você foi agonizante e transformador.

Fiquei por um bom tempo sob a sua claridade, já que neste momento não quero usar escuridão para te definir, apesar disso, gosto da escuridão e do buraco negro que desenho no meu corpo distorcido.

Foram minutos, horas, dias e semanas infernais sob o seu domínio. Até que vislumbrei uma escuridão no fim do túnel. E encontrei uma relativa paz.

Mude a si mesmo.

Alguém me disse isso e eu suspirei em alívio.

Eu não posso mudar o mundo, não posso matar quem me fere, não posso aniquilar a Causa, não posso mudá-la, não posso implorar para que ela mude de ideia e pare de me perseguir. Não posso impedir que ela também alcance quem eu amo. Entretanto, eu posso estudá-la, posso entender os seus meandros.

Posso também me fortalecer para que quando ela me atinja, o impacto seja mais suave, menos violento.

Dor, você estará lá quando a Causa me encontrar, mas a sua intensidade será menor. Você será mais gentil e eu vou conseguir sobreviver apesar dos hematomas.

Mude a si mesmo, me disseram.

Quando encontrei a escuridão, descobri que eu não estava sozinha.

Encontrei pessoas como eu e finalmente entendi a mensagem que meus familiares e amigos me enviaram.

Dor, você está neles tanto quanto está em mim.

Nós te sentimos.

Você está aqui, tão real quanto o ar que eu respiro.

Você é um sintoma bom e ruim para mim.

Eu não quero mais brigar com você, quero te entender e usar ao meu favor.

Nós podemos criar coisas lindas juntas.

Peço desculpas por dizer que te odeio.

Você pode ficar mais um pouco?

Carta para todas as pessoas que me confundem com a fulana

Eu estou confusa porque você está me confundindo com outra.

Em grande parte da minha vida fui lida como *negra-gêmea*. Fui obrigada a entender desde cedo que não tenho identidade. Sabe, meus pais até tentaram inculcar a ideia de que eu era uma só. Roupas diferentes, penteados distintos, um presente de aniversário para mim e outro para a minha irmã gêmea. Eles tentaram me mostrar que eu era uma só, mas sempre havia alguém na rua ou na escola que trocava o meu nome pelo da minha irmã ou apagava o meu rosto e desenhava um novo, me chamando de fulana.

Faço uma pergunta para você, Agente da confusão, se sou negra sou forçada a entrar em uma caixa estereotipada? Outra pergunta, devo assumir personalidades e trejeitos que não seguem a minha essência para te agradar?

Eu não precisaria te corrigir e sorrir sem graça se você fosse mais atento.

Respeitosamente,

Lara (não Luana, Raíssa, Laura, Bruna ou Naiara)

De: Lara

Para: A urgência de ser eu mesma e não um monte de et ceteras

Eu não tinha a mesma realidade dos meus primos e isso nos segregou.

Eu não tinha a mesma realidade dos meus colegas de turma e isso me exoticizou.

Sempre habitei o campo da inadequação.

Eu era uma boa aluna na escola, não causava tumulto e às vezes era invisível.

Fingia ser calma nas reuniões de família, me segurando para não revelar o meu desagrado em ouvir comentários sobre o meu jeito e o meu cabelo.

Tempos atrás, costumava sorrir forçadamente e tentava achar graça nas palavras cruéis que eles me diziam.

Mas hoje, eu não quero sorrir e fingir.

Têm dias que me pergunto, não tenho uma postura agressiva e sou bem passiva, por isso não sou negra o suficiente?

Por que minha existência gera tanto estranhamento? Por que não posso pertencer?

A minha falta de previsibilidade e passividade me tornam negra de alma branca?

Bom, os meus traços, cabelo e tom de pele não mentem sobre a minha raça, mas o meu comportamento sim?

Por que tenho que ser evangélica para justificar a minha personalidade retraída? Não posso apenas ser tímida?

Sou normal, não entendo o motivo para receber tantos olhares confusos, ressabiados ou desdenhosos.

É estranho eu estar bem vestida?

Sabe, eu realmente não estou interessada em roubar, não precisa me olhar assim, só quero comprar esses sapatos. Meus traços, cabelo e tom de pele não mentem sobre a minha raça, mas eu deveria ser apenas uma cliente hoje.

Queria poder pertencer, contudo, o que me resta é habitar a inadequação.

Eu era uma boa aluna na escola, não causava tumulto e às vezes era invisível para coisas boas e visível demais para as ruins.

Costumava sorrir forçadamente e tentava achar graça nessas memórias.

Mas hoje quero negar o sorriso e o fingimento em uma urgência de ser eu mesma e não um monte de et ceteras.

De: Lara

Para: A caneta que me transportou para um belo jardim

Por sua causa, criei um jardim circular com o meu cabelo.

Em um primeiro momento, tive dificuldade em compreender a imagem que elaborei mentalmente antes de iniciar o processo de criação. Com receio de perder a imagem mental, peguei uma folha e um lápis azul, os colocando sobre a mesa do meu quarto.

Esbocei os traços que nasceram quando acessei a liberdade de criar sobre mim e para mim. Foi revigorante me desviar das inseguranças que vinham à mente e sussurravam as inúmeras falhas que eu poderia cometer ao decorrer do processo. Antigamente, desenhar era um exercício prazeroso e alienante, era uma distração para compensar o tédio, como também uma maneira de reproduzir as imagens que eu encontrava em seriados estadunidenses e outras mídias voltadas para o público adolescente. No entanto, hoje em dia, desenhar se tornou um campo minado, onde me encontro lutando constantemente para ter voz e me calar. Uma parte minha quer descarregar todas as emoções reprimidas e as feridas na folha em branco, preenchendo todas as esquinas, centro e diagonais, e tornando tudo escuro e poluído. Em contrapartida, a outra parte deseja permanecer submissa, traçando linhas de acordo com as regras, sem exagerar, sempre realçando o branco do papel¹². Quando sigo o caminho da obediência, me torno dócil e limitada. Essa submissão me causa sintomas físicos, como bruxismo, ombros tensos e cabeça dolorida. Enfrento uma luta cansativa para existir conscientemente no meu corpo, é difícil manter os olhos bem abertos e a língua afiada para contestar as mentiras disseminadas pelo racismo. Na maioria das vezes, dar voz aos meus pensamentos positivos e rabiscar o que bem entendo é trabalhoso. Infelizmente, não consigo agir de forma leve quando tenho a liberdade de produzir sobre questões pessoais. Me sinto pesada, parece que estou carregando toneladas sobre um corpo de sessenta e sete quilos. Desenhar deveria ser leve, pois eu gosto, mas ultimamente não tem sido.

Confiante e insegura, essas duas partes entram em conflito constantemente. Como posso criar em paz se é a primeira vez que assumo o protagonismo em algo? Não sei falar sobre mim, não sei me desenhar, não sei pensar sobre o que me machucou, porque eu tinha o hábito de me tratar como zona proibida. Por muito tempo, fui amiga de muitas pessoas, mas nunca fui minha amiga. Nunca fui gentil comigo mesma, não costumava me consolar, não sabia que poderia me expressar, tanto que a sensação de fazer essas coisas agora soa estranha, falsa e até mesmo constrangedora. Me conhecer ainda parece proibido.

Mas com a sua ajuda, criei um jardim circular com o meu nome.

¹² A folha em branco me intimida por ser grande e branca. Quando me desafio a preenchê-la, conquisto a voz que foi silenciada no ensino fundamental, na época em que o grafite e a folha de ofício clara serviam como instrumentos de alienação e me ensinavam a não resistir ao sistema. A clareza da folha é a mesma clareza que me assusta e me violenta no cotidiano.

A partir do pigmento azul do lápis construí um corpo na folha branca, um tiro na claridade. Não saber como terminaria me causou medo, esse é um sentimento que me domina quando não me sinto segura para ocupar um lugar de destaque. O medo me domina quando duvido de mim mesma, quando acredito que a minha experiência não tem relevância e que meus desenhos não são suficientes para o ambiente acadêmico. Portanto, para fugir do medo, sou violenta comigo mesma, seja me reprimindo e pressionando ao extremo ou me autossabotando. Costumo ter a sensação de estar presa em um corpo autoritário, pois a cobrança e a punição partem de mim, raramente advêm de um agente externo. Estou condicionada a agir dessa forma.

Durante a produção, a ansiedade atingiu o auge quando te segurei e encostei o seu bico na folha, porque o lápis permite o arrependimento, mas a caneta escancara o erro¹³. Acredito que te usar promove um desafio positivo para mim, porque você me impede de fugir das minhas verdadeiras intenções. Por sua causa, o traço que começo é finalizado e aos poucos a folha é preenchida. Se houvesse a chance de usar a borracha, a experimentação e a pesquisa não se desenvolveriam. Graças à voce, notei que não quero ser “palatável”, quero descobrir técnicas novas e gerar desconforto com os meus trabalhos. Para mim, transformar os desenhos em algo palatável seria andar de acordo com os passos que me foram impostos, me faria ser conivente e refém da hegemonia.

Quando te usei com mais confiança, encontrei euforia e uma urgência em encher o material com a sua tinta preta, havia um desejo de fugir da claridade refletida no papel. Ainda me restringia em alguns momentos, fazendo rabiscos tímidos para manter a soberania do branco e me rendendo a insegurança. Horas depois, o seu encontro com a folha produziu a milionésima espiral de cabelo e eu me levantei da cadeira, observando o processo de longe. No silêncio do meu quarto e com a ajuda da luminária, fiz mais emaranhados de cabelo e escrevi meu nome. Algo que parecia simples, como desenhar a curvatura do meu cabelo e escrever meu nome, foi libertador. Eu não sabia que me conhecer poderia ser tão bom e complicado.

A noite chegou e a sobreposição de espirais e escritos escureceu a folha e, com isso, me senti insegura, presa entre me agradar e agradar um público imaginário. Nenhum processo de cura é imediato e, como consequência, decidi me conter. Tive medo de errar e perder o limite que diferenciava o meu corpo desenhado e o cenário, tive receio de mergulhar nas espirais escuras do autoconhecimento e, em decorrência disso, fiquei esbranquiçada na folha. O medo insistente encurta a minha escrita e branqueia a minha folha. Senti que tinha falhado, mas consegui me dar o mérito de ter tentado algo diferente.

Quando terminei, te coloquei na mesa e, logo em seguida, meus olhos começaram a doer. Tive pontadas na cabeça, um sinal de que estava com enxaqueca após horas de trabalho e tensão muscular. Meus olhos ficaram embaçados e eu fiquei tonta. Pisquei algumas vezes para afastar o mal estar, mas cada vez que repetia a ação, enxergava formatos de hélice que

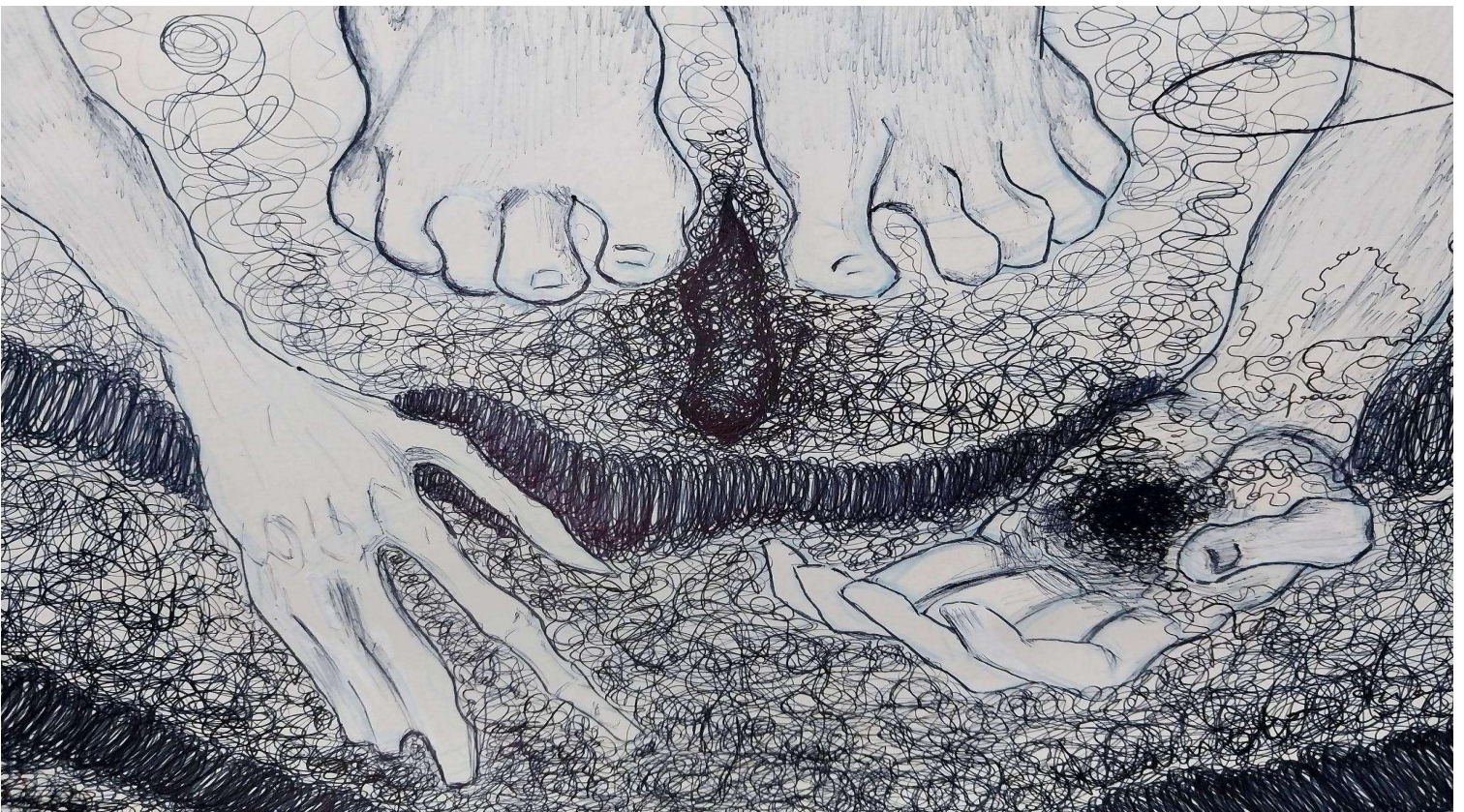
¹³ Rabiscar, tornar a folha escura e utilizar a caneta, que é um material que cria traços irreversíveis na folha assim como o trauma gera uma marca permanente na psique, é uma metodologia de pesquisa.

preenchiam a minha visão. Em questão de minutos, vi fios grossos de cabelo rastejarem pelas paredes do cômodo e, como serpentes, eles desceram até o chão. Os pequenos fios que escapavam dos emaranhados maiores deslizaram sinuosamente pelo piso, se enroscando no armário, na cama e na mesa. Não demorou muito para os fios me alcançarem. Fazendo cócegas, eles se enroscaram no meu corpo, sendo mais gentis comigo do que com a luminária que explodiu com a intensidade da torção. No escuro, observei a folha, analisando as fendas que me lembraram vulvas. Senti que estava sendo atraída para dentro daqueles buracos escuros. Escutei um ruído vindo da mesa e minha atenção foi direcionada a você, que tremia e girava ao lado do desenho. Não tive medo quando os emaranhados de cabelo cobriram a minha visão e me agradeceram com o escuro.





Lentamente, as formas que rabisquei por horas surgiram à minha frente. Não havia som no jardim, apenas emaranhados crespos e sinuosos que deslizavam ao meu redor. Ao me embrenhar no jardim, encontrei uma fissura no solo. Curiosa, me ajoelhei diante da abertura, encontrando ao redor dela meu nome repetido como uma prece autoafirmativa. Alguns fios de cabelo escapavam do rasgo e dei um peteleco no meu nome para acessar melhor a fenda. O rasgo contraiu e dilatou à medida que introduzi os dedos para acessar o interior desconhecido. Aos poucos, consegui mergulhar um dos braços, sentindo que estava tocando algo molhado, quente e escuro. Com o tempo, a fissura se transformou em um buraco que jorrava cabelo e calor. Senti alívio, quando os fios circundaram o meu corpo e me puxaram para dentro da abertura.



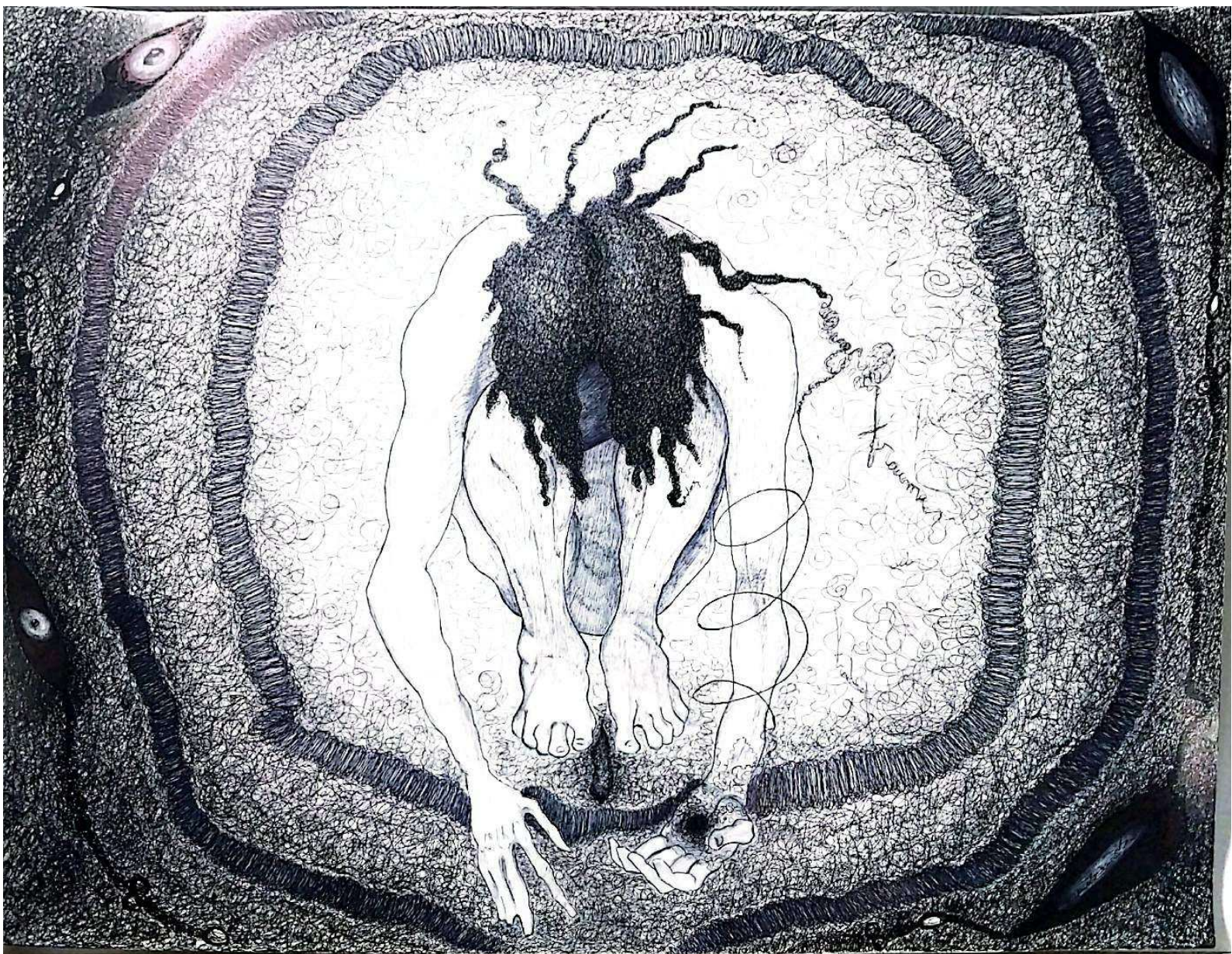
Acordei no meu quarto horas depois, com o corpo leve, músculos relaxados e sem dor de cabeça.

No escuro e no piso morno do cômodo, me senti confortável e segura.

O lápis permite o arrependimento, mas foi você que me transportou para um belo jardim de autoconhecimento.

Com admiração,

Lara



De: Lara

Para: Alicia que conheci através de Grada

Olá, Alicia.

Me chamo Lara e decidi escrever essa carta para você depois de te conhecer através dos escritos da Grada. Durante a leitura das páginas que mencionam o seu relato, me identifiquei imediatamente com a sua experiência. No relato, você contou que seu namorado ridicularizou o seu cabelo depois que você tirou as tranças e que isso te magoou profundamente¹⁴. Dói quando esse tipo de comentário é feito por pessoas próximas, não é mesmo? Não sei exatamente como você se sentiu quando seu parceiro menosprezou seus fios crespos, já que não há descrições mais aprofundadas sobre o ocorrido, mas posso imaginar quão ruim foi. Alicia, assim como você, tenho memórias sobre ser menosprezada por usar o meu cabelo natural. Uma das primeiras vezes que ouvi comentários sobre o meu cabelo foi na escola, eu estava no ensino fundamental. Naquela época, eu e as mulheres da minha família frequentávamos um salão localizado numa galeria de lojas no centro da cidade. Eu ia até esse lugar para tornar o cabelo mais manejável. Era um local agradável, apesar de eu sentir tristeza quando me recordo do cheiro forte dos alisantes capilares e do quanto odiava me observar no espelho do salão. O espaço transmitia uma sensação agri-doce, visto que uma das cabeleireiras fazia tranças, parecidas com as que você usava antes de pentear o seu cabelo, e também trabalhava com mega hair. Por haver essas opções, poucas mulheres alisavam completamente o cabelo, muitas das vezes elas colocavam extensões cacheadas e onduladas ou trançavam o cabelo com materiais sintéticos que lembravam o fio crespo. Buscar essas alternativas para se enquadrar no padrão ainda pode ser considerado positivo? Bom, aquelas mulheres ainda demonstravam um pouco de apreço pelas curvaturas não lisas.

Reconheço que muitas das mulheres e meninas que iam ao salão desejavam reduzir o volume do cabelo. A clientela, incluindo eu, queria encontrar uma maneira de tornar o fio menos rebelde e mais próximo do imaginário popular de um cabelo bonito, o que é evidentemente negativo. Todavia, não posso negar que vejo uma positividade em me lembrar que ainda havia outras opções além de alisar completamente o cabelo. Obviamente esse anseio por se enquadrar surge do preconceito, já que nosso cabelo sempre foi visto como “um símbolo de ‘primitividade, desordem, inferioridade e não-civilização’” (Kilomba, 2019, p. 127), conforme Grada disse num dos seus textos¹⁵. A sociedade nos ensinou a apagar nossos traços e identidade, e se seguirmos como o planejado poderemos ganhar certa passibilidade, talvez, sofrer menos discriminações, porém isso não é totalmente garantido. Mas para além disso, Alicia, atualmente, enxergo o desejo de alterar a curvatura original do fio como uma busca por feminilidade.

¹⁴ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação -Episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 126.

¹⁵ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação -Episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p.127.

Para sermos consideradas femininas temos que recorrer ao modelo ideal e o que sempre esteve em vigência são os fios longos e escorridos até a lombar. Se o cabelo curto é lido socialmente como algo masculino, o nosso cabelo em estado natural também é visto como algo masculino. Não me entenda mal, Alícia, não estou dizendo que o nosso cabelo não cresce ou que é obrigatoriamente curto, até porque essa crença vem da ignorância e de achismos. O que quero dizer é que nosso cabelo cresce, mas ele não escorre para baixo como o cabelo liso, ele é volumoso e fica para cima como a copa das árvores. Ser bonita e feminina parece ser reservado apenas às mulheres que alcançam características caucasianas. Nós sempre somos colocadas como o completo oposto, principalmente, quando nos autoafirmamos.

Quantas vezes te disseram que você é bonita, Alícia?

Uma vez li a seguinte frase “O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero” (Davis, 1981, p.17).¹⁶ Era noite, e eu estava sozinha no meu quarto procurando informações para tentar entender as questões sociais que me atravessavam e nomear a dor que me acompanhava desde de pequena. Ao ler a frase que citei anteriormente e, logo em seguida, essa “[...] era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas” (Davis, 1981, p.19)¹⁷, fui capaz de entender a fonte das inseguranças em relação a minha aparência, assim como sou lida socialmente.

Você também se sente vítima de uma contradição constante? Somos masculinas demais para sentir dor, então, teoricamente a suportamos mais que as mulheres brancas. Somos masculinas demais, então não somos consideradas bonitas e atraentes. Somos masculinas demais, então não somos delicadas, nos vêm como grotescas. Dito isso, como nós podemos ser femininas de acordo com a sociedade? Normalmente, optamos por mudar o cabelo (pranchar, colocar tranças que param na bunda e usar perucas lisas; quanto mais comprido melhor), nos sexualizamos usando roupas mais curtas e buscamos nos afastar do que é considerado feio e masculino. Você já passou por essa fase, Alícia? Vestir roupas mais curtas, não por um desejo seu, mas para ser vista como feminina e desejável? Fazer penteados que tracionam o seu fio até machucar, sentir a dor latejante que gera casquinhas apenas para estar na moda caucasiana e ser considerada atraente? Corpo e cabelo, Alícia, quando isso vai parar de ser um motivo de insegurança para nós? Quando poderemos *ser* sem amarras?

A busca por um cabelo ideal é umas das inúmeras questões que nos atravessam. O desejo de fugir da primitividade inventada pelos colonizadores se apresenta como sintoma quando nos sentamos na cadeira de um salão de beleza e pedimos para que o (a) profissional faça nosso fio capilar performar como outra curvatura. A busca obsessiva por aceitação se apresenta como sintoma quando nossos pais, irmãos, primos e amigos se sentam na cadeira de uma

¹⁶ DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Boitempo editorial, 2016, p.17.

¹⁷ DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Boitempo editorial, 2016, p.19.

barbearia e pedem para que o profissional passe a máquina zero. Para mim, isso é castração. A maioria dos homens negros da minha família são carecas e isso vai muito além de problemas de calvície. Alicia, você já viu um porteiro ou segurança negro com o cabelo afro? Acredito que não, porque estar barbeado e com a aparência em ordem é um requisito das empresas que os contratam. Bem, você já pode imaginar o que é considerado desordenado e pouco profissional. Meu pai é porteiro, quer que eu pergunte a ele se o que eu digo é verdade?

Antes de iniciar a transição capilar, foi difícil encontrar formas de lidar com o meu cabelo natural, uma vez que muitos dos produtos vendidos pela indústria não atendiam a demanda do meu tipo de curvatura. Por muito tempo, me vi em um beco sem saída, não sentia que as minhas verdadeiras características eram bem vistas pelo meu grupo de amigos e quando eu desejava tentar algo diferente com o meu cabelo, não encontrava os produtos certos para cuidar dele corretamente.

Peço desculpas por divagar demais, Alicia.

Como eu estava dizendo, frequentar o salão era uma experiência agri-doce, já que eu o frequentava porque odiava o meu cabelo e precisava torná-lo mais manejável. A parte ruim da experiência era que eu passava horas em uma cadeira, sofrendo com o processo doloroso de desembaraçar e dividir o cabelo em seções, visto que as ferramentas e as técnicas usadas não eram ideais para o meu cabelo. O produto químico responsável por tornar meu fio menos rebelde causava queimaduras no meu couro cabeludo. A dor sempre esteve presente nos meus momentos de cuidado capilar. Em contrapartida, era muito bom assistir vídeos de artistas afro-estadunidenses na televisão do salão. Minha cabeça fritava com as substâncias químicas do produto, mas as músicas eram realmente boas, principalmente, os shows da Beyoncé. Era divertido comer salgadinhos quando a fome chegava e as fofocas fervilhavam no salão ocupado majoritariamente por mulheres negras. Me lembro de passar cerca de dez minutos recostada no lavatório, sentindo o couro cabeludo formigar e arder, e pensar que deveria aguentar o máximo possível para ficar bonita. Contudo, mesmo depois de passar por toda aquela provação, tive que ouvir piadas sobre meu cabelo quando apareci na escola com ele solto. A ironia é que mesmo tendo condicionado o meu cabelo a agir como um fio menos crespo, ouvi piadas e fui insultada. Chato, não?

Alicia, associaram o seu cabelo a um macaco, pois bem, associaram o meu a bombril. Seu ex-namorado cantou uma música colonial alemã¹⁸, meus colegas de turma apertaram os meus fios com as mãos sujas de pó de borracha escolar e reclamaram com a professora que não conseguiam enxergar o quadro, também sussurraram que meu cabelo servia para arear painéis. Já mais velha, um amigo branco pediu para tocar no meu cabelo, assim que seus dedos curiosos sentiram a textura, ele disse surpreso “Parece nuvem, é macio”. Estava mais do que óbvio que ele esperava encontrar aspereza e falta de cuidado. No ensino médio, as garotas brancas que tentavam me intimidar tinham o hábito de jogar os cabelos “perfeitos” no meu rosto, dizendo implicitamente que eu nunca os teria e que era inferior por isso. Era uma

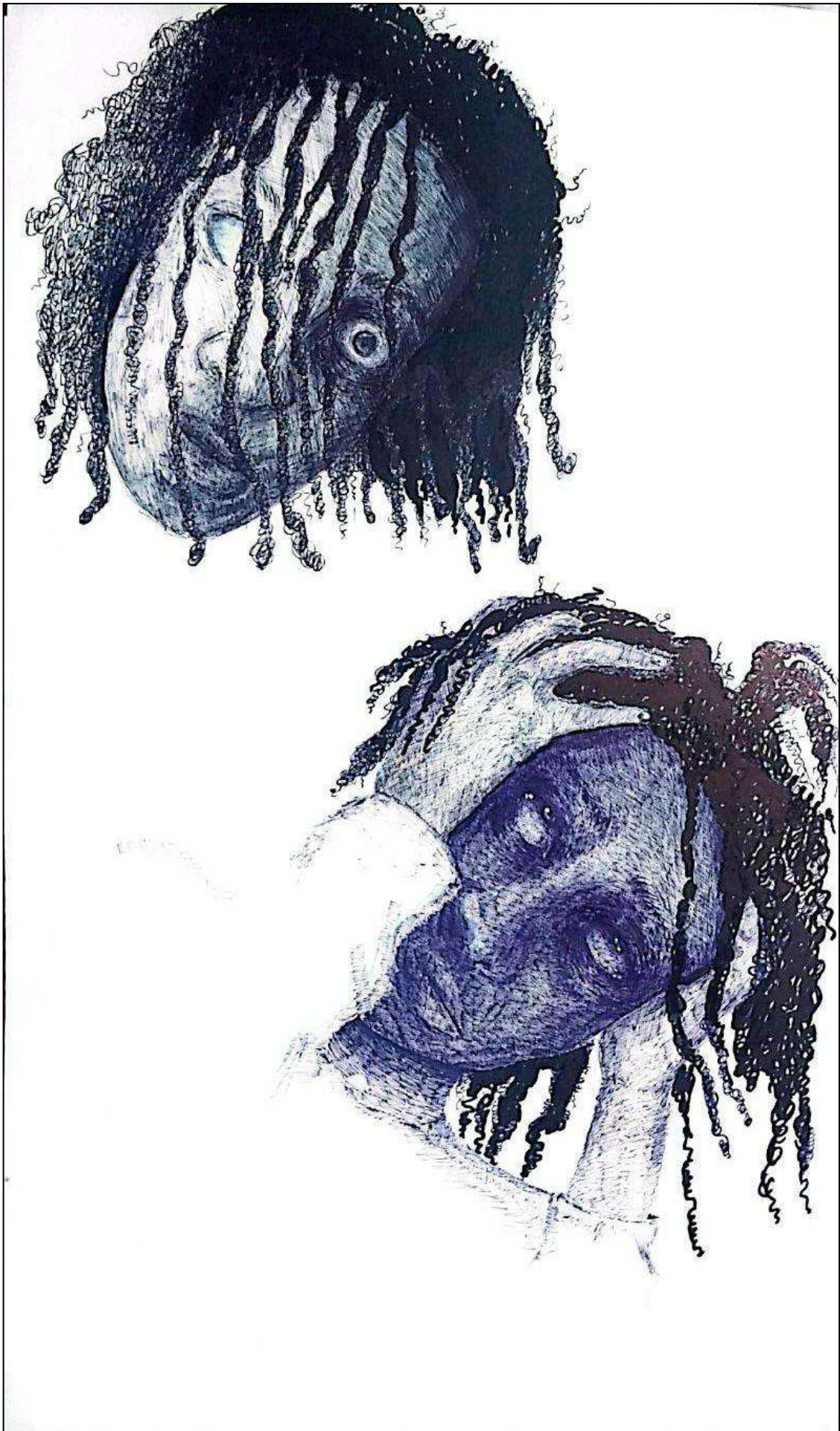
¹⁸ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação -Episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p.129.

forma cruel de me dizer que a escola particular não era para mim e que a minha presença era desagradável. (Kilomba, p.128) “Tornar-se muito negra é, ao mesmo tempo, associado à ideia de regredir à primitividade”¹⁹, por isso você usava tranças longas com frequência e eu usava muito géis de cabelo para “cachear” o fio crespo. Usar tranças é uma forma de celebrar e reafirmar nossa identidade e os géis são aliados para tentarmos estilos diferentes, mas precisamos ficar atentas quando recorremos a esses métodos apenas para estar em conformidade com o padrão.

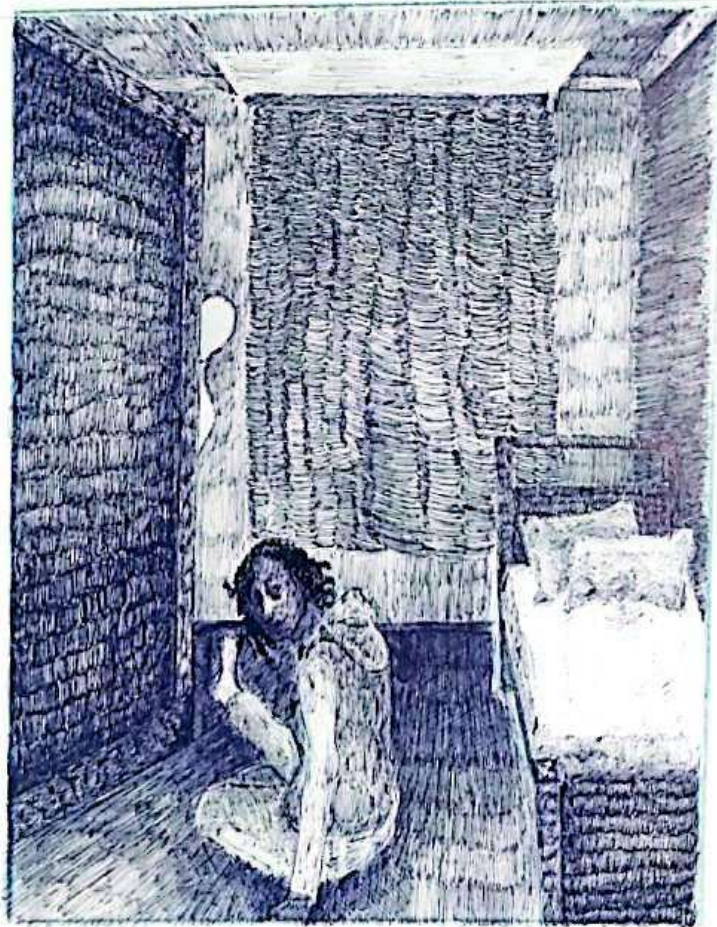
Você disse que às vezes se sente esquizofrênica (Kilomba, p.132)²⁰, eu também me sinto assim.

¹⁹ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação -Episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p.128.

²⁰ KILOMBA, Grada. Memórias da plantação -Episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p.132.







É muito difícil para mim entender se estou sofrendo uma discriminação ou não. O olhar que recebo quando uso *twists* ou caminho no centro da cidade com o cabelo volumoso são dúbios, porque nunca sei se são de curiosidade ou ódio. Identificar que o indivíduo está com a boca franzida e as sobrancelhas muito unidas significa desprezo? O olhar fulminante que recebi outro dia conta como racismo? Repasso mentalmente os olhares e as expressões estranhas que recebo tantas vezes que quase me torno uma especialista em linguagem corporal. Paranoica, às vezes interpreto erroneamente as expressões e sinto olhares inexistentes. Me pergunto se o que estou experienciando é verdade ou não. Essa pessoa realmente está me tratando diferente? Ela está caçoando do meu cabelo ou elogiando? Não consigo chegar a uma conclusão e isso me causa sofrimento.

No entanto, uma das formas que encontrei para abrandar o sofrimento, foi tentar mudar a forma como me vejo. Demorei a perceber que estava reforçando os pensamentos racistas e me maltratando diariamente, eu costumava inferiorizar as minhas características físicas repetidamente. Em decorrência disso, eu estava sofrendo discriminações na rua e as reforçando mentalmente quando chegava em casa. Eu estava concordando inconscientemente com as violências que via nas redes sociais e as reproduzindo internamente. Por isso comecei a mudar a forma como me vejo, Alicia, e tem sido bastante terapêutico. Estou tentando me aceitar aos poucos e me apoiando em referências positivas, assisto vídeos de autocuidado voltados para nós e leio resenhas sobre produtos capilares. Busco me desafiar, mudando os penteados e os tornando menos dolorosos e mais livres, mas confesso que tenho falhado algumas vezes. Uma das minhas últimas atividades positivas e autoafirmativas foi construir um jardim com o meu cabelo com a ajuda de uma caneta *bic*.

Bom, sinto que a minha carta para você chegou ao fim. Espero que você encontre conforto ao lê-la.

Atenciosamente,

Lara

OBS.: Permita que a escrita, o cabelo ou a caneta te leve para um jardim, prometo que será revelador e benéfico.

De: Lara

Para: O antilhano que voltou à sua cidade natal²¹

Boa noite, recém desembarcado.

Escrevo essa carta para você com a mesma caneta que desenho, porque tenho a esperança de que ela me ajude a expurgar mais uma vez os sentimentos e comportamentos ruins que alimentei por anos.

O que você fez, eu faço.

Li sobre você um dia desses e senti vontade de escrever, já que me identifiquei com a sua trajetória. Preciso admitir que não gostei de traçar paralelos entre a sua obsessão em ser aceito e as minhas atitudes arrogantes. Fiquei sabendo que você cumprimentou a sua família seguindo o estilo francês quando desembarcou em sua terra natal. Diante das pessoas curiosas que te rodeavam no porto, você usou os “erres” com proficiência, assustando não apenas a sua mãe, mas também a si mesmo. Mal parecia que você era o mesmo homem que havia embolado a língua ao pedir uma bebida num estabelecimento mediano da Cidade Luz meses atrás. Mas é possível entender o seu aprimoramento linguístico quando me lembro das represálias que você sofreu por vacilar no uso do “r”. Os franceses sempre te menosprezavam quando você cometia esse erro. Seu irmão mais novo, que frequentava a mesma escola que te ensinou a valorizar a língua estrangeira, disse que queria te mostrar os brinquedos de madeira adquiridos no último aniversário. Ele disse em *patoá* e então você se fez de desentendido, fingindo que não estava compreendendo as palavras que ouvia e pronunciava desde pequeno. O garoto que compartilhava o mesmo sangue que o seu, ficou constrangido e decidiu mudar de assunto, dessa vez, utilizando a linguagem considerada erudita não só na ilha, mas também no restante do mundo.

Você estabelecia um diálogo com os seus semelhantes somente quando a norma culta era falada, o seu ego foi amaciado ao ver lampejos de admiração nos olhares dos seus conterrâneos no instante em que você fez firulas com a língua. Ali, de pé no porto e trajando a última moda da metrópole, você foi consagrado. Antilhano, você só precisava manter o linguajar afiado e encontrar um emprego legítimo para consumir sua nova personalidade. Entretanto, duas semanas depois, você esqueceu os “erres” e entendeu rápido demais as palavras informais que seus amigos da época da escola disseram. Na praia e comendo o seu doce preferido da ilha ao invés de *croissants*, você se sentiu confortável demais e se deixou falar a língua materna. Você se sentiu tão em casa que abandonou a personalidade metropolitana, quase voltando às origens. Você não deveria odiar a sua casa e os seus conterrâneos, mas o fazia, incorporando e venerando as falácias que aprendeu em outro continente, se agarrando a elas inconscientemente e as tratando como uma verdade absoluta. O que você fez, eu faço. Seu sorriso leve desapareceu quando um amigo apontou sua pronúncia inculta e todos da roda riram, percebendo que a sua mudança não passava de uma

²¹ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008, p. 31 - 54.

encenação. Um incômodo surgiu na barriga e você sabia que não havia sido por conta dos doces, visto que os comia desde pequeno. A barriga doía porque você havia sido descoberto e a sua única chance de ser superior a alguém desapareceu rapidamente, mais rápido do que todos os anos em que você trabalhou arduamente para construir sua personalidade metropolitana.

O que você fez, eu faço.

Quando comecei a frequentar a escola particular aos cinco anos de idade senti que era diferente das outras crianças. A diferença entre o nosso tom de pele me assustava e eu achava que era necessário atenuar essa distinção através do meu comportamento. Mesmo sendo bem pequena, não gostava da minha cor. Aprendi a não gostar quando fui destrutada e invisibilizada por conta dela. Uma das formas que encontrei para me adequar e mascarar uma diferença de cor indisfarçável foi policiar o meu linguajar.

À medida que cresci, evitei colocar o “r” no lugar errado ou até mesmo esquecê-lo. Me policieei para não errar a marcação do plural como muitos familiares faziam. Assim como você, aprendi a me diferenciar dos que não sabiam e almejei dominar cada vez mais a linguagem culta. Após inúmeros cadernos de caligrafia, aprendi a assinar o meu nome e a montar frases, depois aprendi a escrever uma redação completa, coisa que meus avós não aprenderam. Na minha cabeça infantil, saber essas coisas me tornava superior aos outros. Naquela época, aprender me fez ser soberba. Fez eu me sentir mais clara. Em um almoço de família, uma tia falou “as menina” e em uma festa infantil, também familiar, um primo disse “pa nois”. Nesses dois cenários e em vários outros não mencionados, quis corrigir o que achava ser um erro grotesco. Pela falta de coragem, não disse nada a eles, mas a censura que não era dirigida ao outro, se voltava para mim.

Assim como você inferiorizava o seu lar para engrandecer a metrópole, eu menosprezava o que eu tinha e acreditava que as casas de três andares dos meus amigos brancos eram melhores. Na adolescência, eu desejava viver o sonho americano, talvez, morar na Itália ou na França, acreditando que a América do Norte e a Europa me deixariam mais civilizada e culta. Mesmo sendo nova, tinha muitos preconceitos e julgava as pessoas a partir da cor da pele e do linguajar. Se fossem parecidas comigo, as tratava bem, porém não tinha pensamentos bons sobre elas e buscava falhas para criticar. Se fossem diferentes de mim, alvas e pertencentes ao topo da hierarquia pregada pelo sistema, eu assumia uma postura subserviente e as adorava sem julgamento. Durante boa parte da minha vida, fui uma bagunça completa. Projetava as minhas inseguranças e reproduzia os preconceitos em pensamentos, desmerecendo os meus semelhantes para conseguir a falsa sensação de superioridade.

O que você faz, eu faço.

Desembarcado, acredito que a sua trajetória e a minha se encontram em mais um ponto. Quando você chegou na Cidade Luz, estava à procura de conhecimento e ascensão social. Você sentia que sua terra natal era pequena e atrasada demais para o seu espírito iluminado,

crendo que apenas a Europa poderia ser adequada para o seu nível. Entretanto, à medida que os dias se tornaram meses, você percebeu que não era aceito por mais que se esforçasse para falar perfeitamente a língua do local e se vestir bem. Os franceses nunca te viram como um igual. Quando você retornou para casa, notou que também era visto de forma diferente, obviamente, você se empenhou para que essa diferenciação ocorresse, mas sentiu que seus conterrâneos veneravam e estranhavam sua presença simultaneamente. Você parecia um negro pintado de branco. No fundo, você realmente sentiu que não era mais o mesmo. Em partes, você de fato se transformou. Você se tornou algo que não tinha nome, que não pertencia a um lugar. Você não era francês, mas também não era mais um morador da ilha.

O que você fez, estou tentando não fazer mais.

Cordialmente,

Lara

De: Lara
Para: Meu Corpo

Fui tragada pelo escuro.

Fui tragada pelas coisas invisíveis que me atravessavam, pela obscuridade que possui nuances escondidas.²²

No escuro, flutuando entre o que era invisível a olho nu²³, tive revelações.

A princípio, ser sugada pelo escuro foi doloroso e assustador, mas com o passar do tempo, estando naquela imensidão silenciosa, me conheci verdadeiramente e aprendi sobre as coisas que nos atravessam.

A cada inspiração e expiração, a materialidade que me foi negada foi resgatada²⁴.

Você deixou de ser carne²⁵ e tornou-se Corpo.

A luz negra²⁶ incidiu contra a minha pele, alterando a minha existência negativa²⁷, alterando meu DNA e me positivando.

A luz escura aniquilou a capacidade reprodutiva do autoritarismo que residia em nós, nos modificando e aprimorando em nível celular²⁸.

Por um instante, sentimos frio, entretanto, fomos rapidamente acolhidos por um líquido quente que nos umedeceu e esquentou.

Sonolentos, entramos em uma inconsciência serena.

Enquanto dormíamos, trincas surgiram na escuridão.

Uma luz clara vazou entre as frestas, mas diferentemente dos outros tipos de claridade, essa não nos corroeu até os ossos.

²²MIRANDA, Diego. O Infinito Da Poética Negra Feminista Em Denise Ferreira Da Silva. YouTube, 9 de mai. de 2022.

²³ MIRANDA, Diego. O Infinito Da Poética Negra Feminista Em Denise Ferreira Da Silva. YouTube, 9 de mai. de 2022.

²⁴ BISNETO, Pedro. Denise Ferreira da Silva e a negação da fenomenologia. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, v. 13, n. 2, 2024, p. 219.

²⁵ BISNETO, Pedro. Denise Ferreira da Silva e a negação da fenomenologia. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, v. 13, n. 2, 2024, p. 219.

²⁶DA SILVA, Denise Ferreira. Em estado bruto. OTOCH, Janaína Nagata, 2019, p. 47.

A luz negra é uma ferramenta crítica produzida pela filósofa Denise Ferreira. Essa ferramenta é capaz de dismantelar o pensamento moderno e tornar visível os seus meandros.

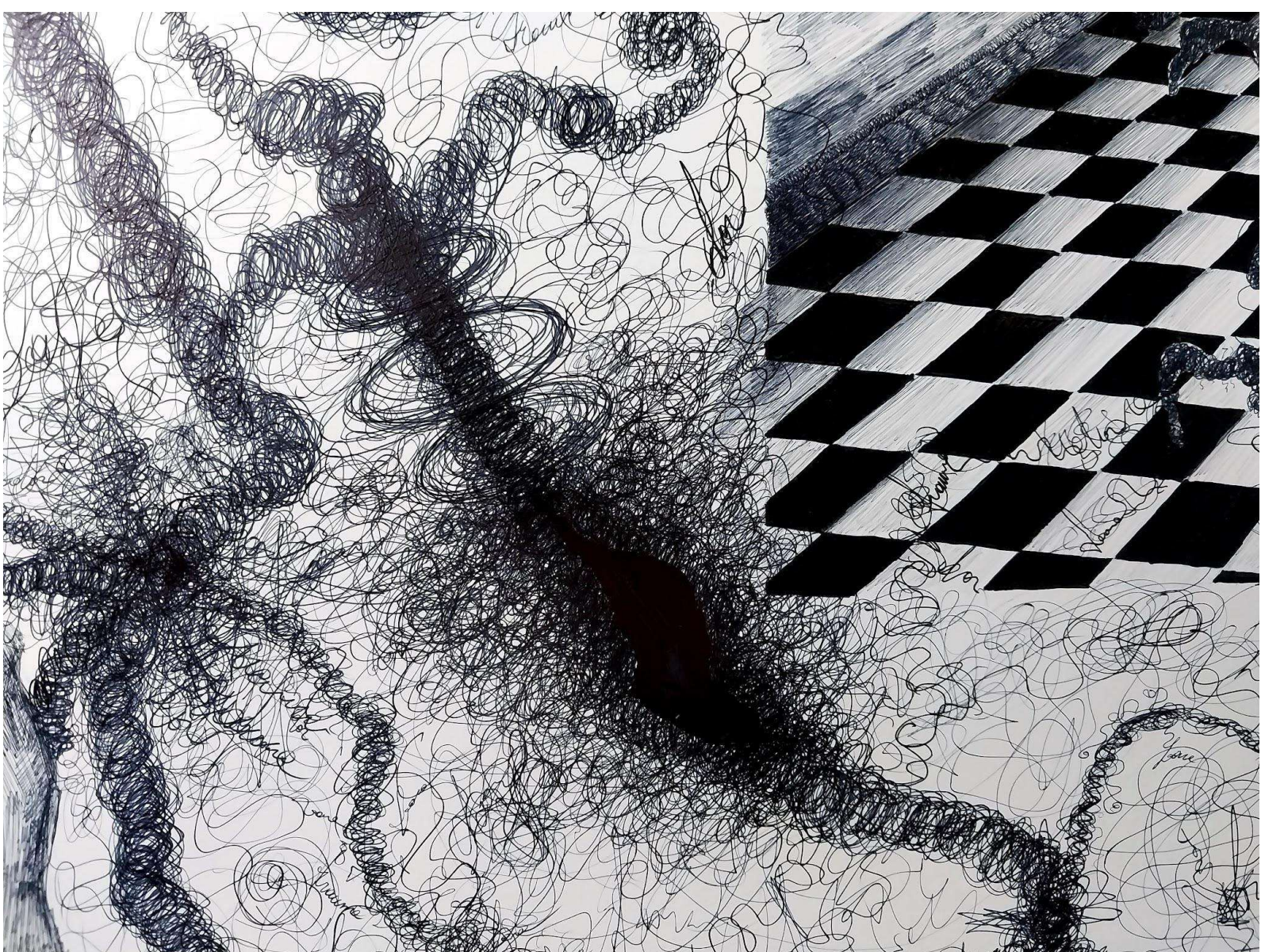
²⁷ DA SILVA, Denise Ferreira. - 1 (vida) ÷ 0 (negritude) = $\infty - \infty$ ou ∞ / ∞ : sobre a matéria além da equação de valor. 2019, p. 22.

²⁸ DA SILVA, Denise Ferreira. Em estado bruto. OTOCH, Janaína Nagata, 2019, p. 47.

As trincas aumentaram e o líquido jorrou para fora da escuridão, aos poucos nos despertando do sono.

Fomos tragados pelo escuro.

Quando acordamos, havíamos renascido e nos tornado um.



Desenhei você ferido e deformado em uma busca de externalizar algo psíquico, para retirar de mim a dor latejante e constante. Notei aos poucos, que de alguma forma, a deformação refletia a forma como os outros me viam, como um não-sujeito, como uma anomalia estranha. Contudo, essa desfiguração também refletia como eu me enxergava, revelando a dor que eu

causava a mim mesma. De alguma forma, eu nutria a violência que nos atravessa. Agora, depois de renascer, sinto que posso me desprender dessa imagem ferida e criar algo novo, algo que rompa completamente com as regras e que não reproduza os pensamentos que são normalizados e tratados como tradição. Quero encontrar uma poética que cruze novamente com a luz negra e altere tudo. Desejo encontrar uma luminosidade diferente, uma arte que possa me amparar quando a claridade *des-positivadora* tentar queimar meus ossos e que modifique o que eu, refém, considerava ser verdade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

De: Lara

Para: Dalva

Juiz de fora, 18 de dezembro de 2025

Querida, Dalva...

Desde criança me senti estranha, como se eu sempre estivesse em uma zona de “não lugar”. Quando comecei a frequentar a creche, mesmo sendo bem pequenininha, percebi que a sensação de pertencimento, respeito e zelo que tive em casa dificilmente seria encontrada na escola e em outros espaços. Tenho vagas lembranças de ser um pouco mais confiante e falante do que sou atualmente. Ao revisitar as memórias do período da pré-escola, me parece que foi nessa época que minhas inseguranças começaram. Ser uma das poucas crianças negras em uma creche localizada no centro de Juiz de Fora não foi fácil. Contudo, confesso que, apesar das partes ruins, tenho boas memórias e nutro afeto por muitos colegas e funcionárias da época.

Muitas das experiências que acredito terem sido negativas ocorreram de forma silenciosa, porém penso que fui poupada de vivenciar discriminações mais explícitas por ter uma irmã gêmea. Por mais inusitado que pareça, o fato de sermos gêmeas superava (entre muitas aspas) o fato de sermos negras, mas ao mesmo tempo nos colocava em uma posição de exotividade complexa. É difícil explicar, entretanto, ao meu ver o fato de sermos gêmeas nos permitiu ter atenção e carinho. O fato de sermos negras nunca foi apagado, porém foi “atenuado”, já que éramos interessantes e fofas para os outros. Além disso, nunca fiquei sozinha ou isolada graças à companhia da minha irmã. Nós nos entendíamos e protegíamos inconscientemente. Com o passar do tempo, as coisas pioraram. O que era silencioso se tornou mais visível e eu não estava preparada para lidar com essas mudanças.

Determinados tipos de tratamento da pré-escola se repetiram na escola particular, mas acredito que tenha sido mais cruel. Os carinhos, a atenção e o zelo foram nitidamente destinados com mais frequência aos colegas brancos. Não posso generalizar, Dalva, mas sentia que algumas professoras não me enxergavam e até sentiam nojo de mim. Alguns colegas também me tratavam de forma diferente, por mais que nunca tenham sido verbalmente preconceituosos comigo. Os comportamentos excludentes apareciam quando eu não era boa o suficiente para brincar, para fazer atividades em sala ou para compartilhar os materiais e os brinquedos.

Era como se eu tivesse uma sujeira invisível.

Às vezes eu sentia uma certa solidão por não pertencer completamente ao ambiente escolar. No entanto, por ter as minhas irmãs ao meu lado, a solidão e a rejeição eram atenuadas. Eu

nunca contei esses sentimentos para a minha família porque não quero magoá-los. Sabe, eu sempre tive consciência de que os meus pais estavam lutando para me proporcionar as melhores oportunidades de estudo. Enquanto eu recebia a oportunidade que muitos como eu não tinham, e ainda não têm, algo ruim crescia dentro de mim.

Provavelmente, foi aos meus seis anos de idade que desenvolvi um profundo auto-ódio.

Minha infância foi boa, não quero fazer parecer que foi uma época terrível, porque não foi. Tive muitos momentos felizes e nostálgicos, Dalva. Eu vivenciei conquistas marcantes na minha família e assisti nos noticiários algumas melhorias para a população negra no país – apesar de haver retrocessos atualmente e ainda estarmos distantes do ideal. Infelizmente, retornando aos momentos ruins, à medida que fui crescendo e alcançando a adolescência me deparei com mais experiências de “não lugar”. Numa fase em que beleza e ser atraente começam a pesar, eu me vi novamente à margem e indesejada.

Com o auto-ódio, comecei a me silenciar em vários aspectos da minha vida pessoal. Naquela época, alguns amigos realizavam comentários negativos sobre o meu cabelo, minha pele e meus traços, mas eu não me defendia ou cortava relações, porque, no fundo, eu também concordava e até mesmo reproduzia esses pensamentos com outras pessoas. Os comentários negativos sobre minha aparência refletiam o pensamento da minha turma, da minha escola, da minha cidade, do meu Estado, do meu país, do meu continente e do mundo. Isso me assustou e me machucou porque eu não entendia o que tinha de errado comigo. Eu não entendia por que eu era tratada como se estivesse suja.

Houve um momento, Dalva, que, assim como você chorou no dia em que conversamos, eu chorei. Sendo sincera, eu desmoronei. E o meu sofrimento ganhou mais camadas quando entendi a extensão do racismo. Quando compreendi como a discriminação racial afetava a minha família e meus semelhantes. Me lembro de ficar preocupada quando o meu pai trabalhava como segurança à noite. Eu tinha medo de ele não voltar para casa por conta do racismo. Eu tinha medo de tantas coisas... Desde perder alguém que eu amava por um mal-entendido baseado na cor da pele até sentir pânico só de pensar em ser eu mesma. Mas, aos poucos, ao passo que eu adquiria ferramentas para lidar com o preconceito e construir uma autoestima, fui superando certos medos.

Aos poucos, deixei de me silenciar, comecei a me impor e a me conhecer melhor.

Eu estava e ainda estou me descobrindo...

Assim como você, estou tentando encontrar um caminho para sobreviver a tudo isso. Seja por meio do apoio familiar, do estudo, de um coletivo ou da arte.

Quero que a realidade seja melhor para mim, para você, para nós.

Com carinho,

Lara

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Gabriela Santos; BASTOS, Raabe Cesar Moreira; SAMPAIO, Jéssica Elaine Moreira. O erótico na literatura dissidente de Audre Lorde: o conceito como ação nos poemas de Entre nós mesmas. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 30 n. 3, 2024, p. 35–67. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/emt/article/view/61801/51249>. Acesso em: 09 mai. 2026.

ASSIS, Dalva França de. **Manual de sobrevivência: lutas de uma mulher artista preta no combate ao racismo estrutural**. 2025. Dissertação (Pós-Graduação em Artes Visuais) - Udesc, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/20309>. Acesso em: 15 jun. 2026.

Ancestralidades - Escrevivência. **Ancestralidades**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/termos-e-conceitos/escrevivencia>. Acesso 11 de jun. 2026.

Audre Lorde, a poeta do universo. **Quatro Cinco Um**. 2025. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/trechos/literatura/audre-lorde-a-poeta-do-universo/>. Acesso em: 09 mai. 2026.

BISNETO, Pedro. Denise Ferreira da Silva e a negação da fenomenologia. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, v. 13, n. 2, p. 195-233, 2024. Disponível em: [file:///C:/Users/famil/Downloads/08_Artigo+07_Pedro+Bisneto+195-233%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/famil/Downloads/08_Artigo+07_Pedro+Bisneto+195-233%20(3).pdf). Acesso em: 02 jun. 2026.

BORBA, Camile Fernandes. Octavia Butler: subversora de estereótipos criadora de mundos e de si mesma. **Revista Investigações**, v. 37, n. 1, p. 1-23, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/258411/46775>. Acesso em: 08 jun. 2026.

BORGES Rosane. **Master Class GRATUITA | Curso: A dívida impagável, de Denise Ferreira da Silva**. YouTube, 25 de set. de 2024. 1 vídeo (59min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BgSop_9TyQE. Acesso em: 13 jun. 2026.

BRITO, Natanael Romário José de. **A influência africana na língua portuguesa: uma análise a partir do livro "A influência africana no português do Brasil", de Renato Mendonça**. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/32166/1/NRJB12122023.pdf> Acesso em: 02 jun. 2026.

CALDAS, Davi. Influência das línguas africanas no português brasileiro é alvo de estigmas. **Jornal da USP**, 15 de julho de 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/influencia-das-linguas-africanas-no-portugues-brasileiro-e-alvo-de-estigmas/>. Acesso em: 07 jun. 2026.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023. Disponível em: <https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=vY2bEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=Dispositivo+de+racialidade:+A+constru%C3%A7%C3%A3o+do+outro+como+n%C3%A3o+ser+como+fundamento+do+ser+Livro+por+Sueli+Carneiro&ots=zC121JQQTF&sig=>

FWp9MlcJmWbCrwmCa20tsaPV_hM. Acesso em: 10 abri. 2026.

COMAS-DÍAZ, Lillian; HALL, Gordon Nagayama; NEVILLE, Helen A. **Racial trauma: Theory, research, and healing: Introduction to the special issue.** American Psychologist, v. 74, n. 1, p. 1, 2019. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/2019-01033-001.html?ref=popsugar.com>. Acesso em: 02 abri. 2026.

Conceição Evaristo - Literatura Afro-Brasileira. **UFMG.br**. 2025. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 01 mai. 2026.

Conceição Evaristo - Olhos d'água - Literatura Afro-Brasileira. **UFMG.br**. Disponível em: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/929-conceicao-evaristo-olhos-d-agua> Acesso em: 01 mai. 2026.

DA SILVA, Denise Ferreira; OTOCH, Janaína Nagata. Em estado bruto. **ARS (São Paulo)**, v. 17, n. 36, p. 45-56, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/famil/Downloads/editor-ars,+ARS36-04_+158811.pdf. Acesso: 25 mai. 2026.

DA SILVA, Marisa Corrêa. **Racismo: um trauma coletivo não considerado.** **REVISTA LATINO-AMERICANA DE PSICOLOGIA CORPORAL**, v. 8, n. 11, p. 38-57, 2021. Disponível em: <https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc/article/view/116>. Acesso em: 04 jun. 2026.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Boitempo editorial, 2016.

DUNN, Alphonso. **Pen & Ink Drawing: A Simple Guide.** New Jersey: Three Minds Press, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** DUARTE, Constância Lima, 2020. Disponível em: <https://share.google/Iv7umm276WOn6yKII>. Acesso em: 01 mai. 2026.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas / Frantz Fanon**; tradução de Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf. Acesso em: 04 jun. 2026.

FELINTO, Renata. **A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas: estudos de produções e de poéticas.** <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/e45dd631-970e-458c-8e3b-6f3a972496ae>. Acesso: 30 mai. 2026.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **1 (vida)÷ 0 (negritude)=∞-∞ ou ∞/∞= sobre a matéria além da equação de valor. A dívida impagável**, 2019. Disponível em: https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2019/06/4_Denise_Ferreira_da_Silva_Mate%CC%81ria_ale%CC%81m_equac%CC%A7a%CC%83o_valor.pdf. Acesso: 25 mai. 2026.

GONÇALVES, Leo. **O “Diário de um retorno ao país natal” de Aimé Césaire, por Leo Gonçalves.** Escamandro, 2014. Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2014/02/11/o-diario-de-um-retorno-ao-pais-natal-de-aime-cesaire-por-leo-goncalves/>. Acesso em: 02 jun. 2026.

JORGE, Rafaela. **A arte como ferramenta libertadora do subconsciente.** Enepcp, 2023. Disponível em: <https://anepecp.org/ojs/index.php/br/article/view/372/179>. Acesso em: 28 jun. 2026.

KILOMBA, Grada, 1968 - **Memórias da plantação -Episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba**; tradução Jess Oliveira. 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAURICELLA, Michel. **Anatomia Artística.** Editorial Gg, 2016.

LIMA, Diane (Org.). **Negros Na Piscina: arte contemporânea, curadoria e educação.** São Paulo: Fósforo, 2023.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada.** Editora Vozes, 2019. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=m9zODwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=achille+mbembe+sair+da+grande+noite&ots=_pst68iXWe&sig=PQln8jbtSJRD Cz ev0hSHCLAMvgs&redir_esc=y#v=onepage&q=achille%20mbembe%20sair%20da%20grande%20noite&f=false. Acesso: 30 mai. 2026.

MIRANDA, Diego. **O Infinito Da Poética Negra Feminista Em Denise Ferreira Da Silva | #Explicandoautores Ep. 10.** YouTube, 9 de mai. de 2022. 1 vídeo (11min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9WAeutiPyww>. Acesso em: 13 jun. 2026.

MIRANDA, Diego. **Resenha Do Livro "Kindred", De Octávia E. Butler.** YouTube, 13 de dez. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e414uygvzuo>. 1 vídeo (6min) Acesso em: 13 jun. 2026.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:18989d62-f273-4100-b1aa-0f781569819f>. Acesso em: 02 jun. 2026.

MORENO, Maria Manuela Assunção; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. **Trauma: o avesso da memória.** Ágora: Estudos em teoria psicanalítica, v. 15, p. 47-61, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/46GrdGzGrZmXxVTLdWB6Ytj/#>. Acesso: 30 mai. 2026.

NASCIMENTO, Tatiana poesia não é um luxo, de Audre Lorde. (2013, July 13). **Diáspora Y Dissidência Sexual Em Trânsito.** Disponível em: <https://traduzidas.wordpress.com/2013/07/13/poesia-nao-e-um-luxo-de-audre-lorde/>. Acesso em: 09 mai. 2026.

SANTOS, Wilmhara Benevides S. Alves dos. **A presença africana nas palavras que falamos em português – Um artigo de Wilmhara Benevides S. Alves dos Santos. (2018, March 15).** Museu Da Língua Portuguesa. Disponível em:

<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/presenca-africana-nas-palavras-que-falamos-e-m-portugues-um-artigo-de-wilmihara-benevides-s-alves-dos-santos/>. Acesso em: 07 jun. 2026

SILVA, Malu. **Saidiya Hartman: reescrevendo histórias silenciadas com fabulação crítica | Janela Literária**. Janela Literária, 25 mai. 2025. Disponível em: <https://www.janelaliteraria.com.br/2025/05/saidiya-hartman.html> . Acesso em: 02 jun. 2026.

TUBAMOTO, Fernanda Tiemi. **Racismo e exclusão: jovens negros são principais vítimas de suicídio**. Estado de Minas, 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/09/08/noticia-diversidade,1391718/racismo-e-exclusao-jovens-negros-sao-principais-vitimas-de-suicidio.shtml>. Acesso em: 02 abri. 2026.